

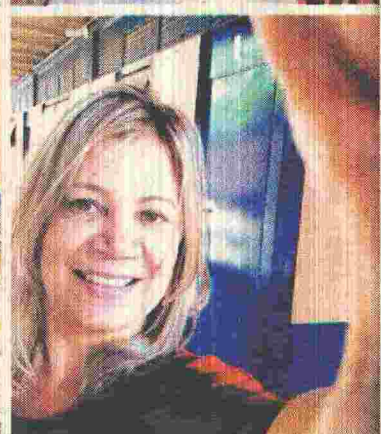
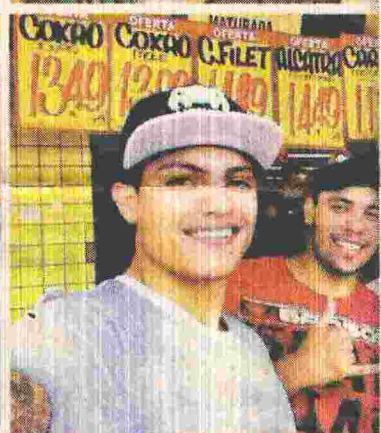
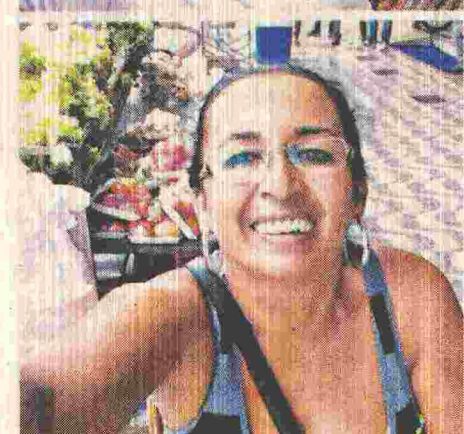
Face

W- Ceilândia



"Todo mundo é uma estrela e merece o direito ao brilho"

As muitas caras de uma cidade



MARCELO ABREU
ESPECIAL PARA O CORREIO

Uma cidade fruto da brutal resistência. Mais do que isso. Da esperança de uma gente que aprendeu a lutar. Quando tudo era improvável, pouco a pouco, os barracos se aglomeraram. Um a um, lado a lado. A mesma terra, a mesma privação, os mesmos dramas. E, no meio de tanta falta, uma cidade feita de madeirite e de lonas se agigantava. Era 27 de março de 1971. Distante 26km dos monumentos de Oscar Niemeyer e do traço reto de Lucio Costa, um lugar cheio de barro, vielas, becos, esquinas tortas e cerrado sem fim recebia o nome de Ceilândia. Era um assombro alguém viver ali.

Passados 43 anos, a cidade, que tem hoje 450 mil habitantes, se fortaleceu, cresceu, fez-se independente, acolheu um mar de gente de todos os lugares. Na verdade, acolhe todos os dias. Basta ir à Nova Rodoviária para vê-los desembarcando. Não é à toa que a ela foi conferido o título da capital nordestina do Planalto Central. Não há nada mais ceilandense do que a expressão "oxi" (redução de oxente, que indica surpresa, algum espanto, muito usada em toda a região Nordeste). Ceilandense de verdade jamais renega o seu "oxi". E tem prazer em contar a sua história. Basta um café coado, e a prosa não tem hora para acabar.

Hoje, quando comemora mais um aniversário, Ceilândia se consolidou na economia (não depende mais em nada do Plano Piloto ou da vizinha Taguatinga), mostrou a cara nas manifestações e na diversidade cultural (forró, rap, hip hop, sertanejo, mas também tem a batida do reggae, do axé e do funk) e na forma como enfrentou as adversidades.

Viver em Ceilândia, cada dia, é a certeza da escolha certa para os seus moradores — mesmo que reconheçam e sofram com os seus piores problemas, como a violência, que assusta e paralisa. O que não é muito diferente de qualquer cidade do mesmo tamanho.

Selfies

Eles se reconhecem no lugar em que vivem. Defendem sua história e se tornaram protagonistas dela. Adoram selfies — autorretratos que se fazem com uma câmera digital ou celular. Postam as imagens nas suas redes sociais. Querem pertencer à cidade que escolheram chamar de sua. Ao longo das páginas deste caderno, é possível reconhecer os vários rostos de Ceilândia, orgulhosos do lugar em que vivem.

Durante uma semana, o Correio se embrenhou na cidade. Conversou com as pessoas que moram e vivem ali. Ouviu as suas mais diversas histórias e constatou uma certeza comovente: elas têm orgulho de viver em Ceilândia. Enxergam-se na terra que lhes deu oportunidade e garantiu a plena sensação de cidadania.

Falam com prazer do lugar que os acolheu. É como se a cidade estivesse tatuada na memória de cada um dos seus moradores — dos que nasceram ou daqueles que aprenderam a amá-la.

Ver o lugar como está hoje é a certeza de que, até mesmo onde era completamente impossível, a vida pode dar certo. O professor de história Manoel Jevan Gomes de Olin, cearense de 51 anos, um dos maiores pesquisadores da história real de Ceilândia (é o fundador da Casa da Memória Viva), não tem dúvida: "Ela mostrou o outro lado da história de Brasília, o que a capital nunca pensou que fosse existir. É o reverso da medalha".

Que as boas histórias e o orgulho inarredável de ser ceilandense não cessem. Parabéns, Ceilândia!

